

Social dynamics on Facebook: analysis of comments on journalistic content about the alleged attempted terrorist attack on FCUL

Dinâmicas sociais no Facebook: análise de comentários em conteúdos jornalísticos sobre a suposta tentativa de ataque terrorista à FCUL

Bruno Frutuoso Costa*, Eduardo Antunes**

*  Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-Iscte), Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) (bruno_frutuoso@iscte-iul.pt)

**  Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra (eduardo.antunes@fl.uc.pt)

Abstract

Framed in the news media as an unparalleled and unprecedented crime of terrorism in Portugal, a young Portuguese man was arrested in 2022 in possession of machetes, crossbows, daggers, gas canisters, and a written plan detailing the alleged attack on the Faculty of Sciences of the University of Lisbon. This article seeks to map the social dynamics that occurred in the first month of the circulation of journalistic content about this event on the social network Facebook, one of the most widely used digital platforms in Portugal when it comes to journalistic consumption and interaction. It assumes that digital environments perform a central and omnipresent role in the social dynamics of individuals, whose use starts with a dialogue with personal and individual contexts as well as social ones. Focusing on the participatory spaces of Portugal's leading press on Facebook, this exploratory study is based on qualitative content analysis of comments (n = 1969) directed at journalistic texts (n = 28) from *Diário de Notícias*, *Público*, *Observador*, and *Jornal de Notícias*, from 10 February to 11 March 2022. The results show that user interventions are not evenly distributed and can be used for various purposes, with random commenting and incivility being among the most frequent dynamics. However, the coding highlighted the various questions about news coverage and whether there was a suspected terrorist attack. Also noteworthy were several public expressions of liking or disliking the approach to the case in the context of terrorism or not, which allow us to read that the online social dynamics of this case do not immediately centralize the character as a terrorist.

Keywords: News media; terrorism; fcul; digital platforms; Facebook; social dynamics.

Resumo

Enquadrado nos média noticiosos como um crime de terrorismo sem paralelo e inédito em Portugal, um jovem português foi detido em 2022, na posse de catanas, bestas, punhais e botijas de gás e de um plano escrito com os detalhes do suposto atentado à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Este artigo procura mapear as dinâmicas sociais que ocorreram no primeiro mês da circulação de conteúdos jornalísticos sobre este evento na rede social Facebook, uma das plataformas digitais mais utilizadas em Portugal no que diz respeito ao consumo e interação jornalística. Parte-se do pressuposto que os ambientes digitais desempenham um papel central e omnipresente nas dinâmicas sociais dos indivíduos, cuja utilização parte do diálogo com os contextos pessoais e individuais, tal como sociais. Focando-se nos espaços participativos da imprensa de referência em Portugal no Facebook, este estudo exploratório é desenvolvido a partir do método de análise de conteúdo qualitativa aos

comentários (n = 1969) direcionados aos textos jornalísticos (n = 28) do Diário de Notícias, Público, Observador e Jornal de Notícias, desde 10 de fevereiro a 11 de março de 2022. Os resultados mostram que as intervenções de utilizadores não se distribuem de forma homogénea e que podem ser utilizadas com várias finalidades, estando entre as dinâmicas mais frequentes o ato de comentar aleatoriamente e os comportamentos de incivildade. Porém, a codificação salientou os variados questionamentos sobre a cobertura jornalística e o facto de existir ou não um suspeito de atentado terrorista. Destaca-se ainda um conjunto de manifestações públicas de agrado ou desagrado para com a abordagem do caso no âmbito do terrorismo ou não, que permitem a leitura de que as dinâmicas sociais *online* sobre este caso não centralizam a personagem como terrorista, de forma imediata.

Palavras-chave: média noticiosos; terrorismo; fcul; plataformas digitais; Facebook; dinâmicas sociais.

Introdução

Datava-se 10 de fevereiro de 2022, quando os telejornais portugueses abriram a edição da noite com a mesma notícia: “PJ [Polícia Judiciária] trava ataque terrorista em Lisboa. Ataque tinha como alvo a Faculdade de Ciências” (SIC Notícias, 2022). Alegadamente, um estudante de engenharia planeava um “atentado terrorista” àquela faculdade da Universidade de Lisboa, com o intuito de matar o maior número de colegas. Nesse dia, o *prime time* concentrou-se, única e exclusivamente, em explorar os dados tornados públicos pela PJ, que teria sido alertada do possível ataque pela polícia de investigação congénere norte-americana FBI.

No momento da detenção do suspeito, a apreensão de catanas, bestas, punhais e botijas de gás fora descrita como um crime de terrorismo sem paralelo e inédito em Portugal. Apurou-se, mais tarde, tratar-se de um jovem português, de 18 anos, que sofria de Síndrome de Asperger. Uma perturbação do comportamento com uma base genética, com enquadramento nas disfunções do espectro do autismo, sendo características comuns as alterações comunicativas, comportamentais e sociais e respetiva persistência na adolescência e na idade adulta (Médis, 2018). Como motivações para o “massacre”, avançou-se os factos de ter sido vítima de *bullying* e acusado de plágio na FCUL. Essa construção algo detalhada da personagem central, numa abordagem analítica mais narratológica, parece ter reduzido o ênfase jornalístico da associação do caso ao terrorismo, dado que desviou o foco central das narrativas jornalísticas da qualificação do mesmo, como terrorismo ou não, para a existência de um possível ataque, não adjetivado ou qualificado, por um jovem numa faculdade da Universidade de Lisboa (Antunes, 2022).

A 19 de dezembro do mesmo ano, o suspeito foi condenado a dois anos e nove meses de prisão em tratamento psiquiátrico, e absolvido da prática do crime de terrorismo (Carmo, 2022). Interessa, neste contexto, analisar as dinâmicas sociais que ocorreram aquando da circulação de conteúdos jornalísticos sobre este suposto caso de terrorismo na rede social Facebook, uma vez que é uma das plataformas digitais mais utilizadas em Portugal no que diz respeito ao consumo e interação jornalística (ERC, 2014; Reuters Institute, 2020).

Nos últimos 20 anos, as plataformas digitais penetraram profusamente em todos os setores da sociedade e as suas dinâmicas provocaram mudanças em processos democráticos e práticas sociais, para enumerar algumas (van Dijck, 2020). Discute-se na investigação se a promoção de valores públicos, como a tolerância,

a democracia e a transparência, não estará a ficar comprometida por causa da concentração de poder num único ecossistema de plataformas composto pelas cinco maiores empresas de tecnologia (Google, Amazon, Facebook, Apple e Microsoft). Assentes em valores neoliberais, as arquiteturas tecnológicas orientadas por algoritmos de Inteligência Artificial e alimentadas por dados (dataficação) são responsáveis por estabelecer as regras e gerir todo o tráfego social *online* e as atividades económicas (Barros et al., 2023; van Dijck, 2020).

Uma dessas mudanças afeta particularmente a circulação *online* de bens culturais como os conteúdos jornalísticos. No jornalismo pós-industrial, as organizações noticiosas deixaram de controlar as notícias nas plataformas sociais como o Facebook e o Twitter, concorrendo com um número crescente de atores, e passaram a estar sujeitas a mudanças constantes por parte de leitores, em termos de consumo noticioso e de participação/interação com os textos jornalísticos (Anderson et al., 2014). De tal forma que, com a inovação tecnológica, ganharam relevo fenómenos como o de *news avoidance* (Skovsgaard & Andersen, 2020) ou ainda as *fake news* e a desinformação (Burkhardt, 2017).

Considerando que os ambientes digitais desempenham um papel central e omnipresente nas dinâmicas sociais dos indivíduos através das tecnologias digitais (Lagerkvist, 2019), cuja utilização parte do diálogo com os contextos pessoais individuais e sociais (Amaral et al., 2023), esta investigação propõe-se a mapear as dinâmicas sociais que ocorreram durante o primeiro mês nos espaços participativos de textos jornalísticos sobre o suposto atentado terrorista integrados em publicações na plataforma social Facebook. Para o presente estudo exploratório, foram analisados os comentários presentes nas caixas de comentários de quatro meios de comunicação da imprensa de referência em Portugal (Figueiras, 2005): Diário de Notícias, Público, Observador e Jornal de Notícias.

Revisão da literatura

Terrorismo

Abordar o terrorismo atualmente sobre uma leitura ocidental implica, necessariamente, fazer referência aos atentados de 11 de setembro de 2001 às Torres Gémeas, nos Estados Unidos da América (EUA). Esse momento determinou a vincada política de “*war on terror*” decretada pelo então presidente dos EUA George W. Bush, transformando a al-Qaeda no inimigo público comum ocidental (Holloway, 2008; Mythen & Walklate, 2006; Nayak, 2006). Os discursos de Bush foram ainda mais mediados, podendo ser descritos como “discursos de medo”, que passaram a incluir fortemente o “terrorismo”, a “vitimização” e o “crime” (Altheide, 2006). Estes discursos contribuíram para a estereotipia do Islamismo como opressor e razão categórica de terror (Nayak, 2006), o que permitiu justificar, sobre o olhar público, as guerras travadas pelos EUA no Afeganistão e no Iraque (Holloway, 2008).

Evidentemente, o conceito de terrorismo não se originou a 11 de setembro de 2001, porém, o peso deste acontecimento nos imaginários públicos comuns é tal que, segundo alguns autores, quase que se tornou num fenómeno inteiramente novo (Boggs & Pollard, 2007; Slovic, 2002). Isto apesar dos próprios EUA terem sido alvos de outros atentados terroristas nos anos anteriores a 2001, porém, sem correspondência no

elevado número de mortes e na mediatização dos atentados de 11 de setembro (Holloway, 2008). A importância histórica desse evento e a popularização e mediatização do terrorismo nos discursos levaram a que exista quem utilize o 11 de setembro de 2001 como acontecimento que inicia um “novo terrorismo”, ao qual se contrapõe um “velho terrorismo” (Neumann, 2009). Essa ideia de “novo terrorismo” exacerbava a vinculação estereotipada, orientalista (Said, 2003) e islamofóbica do terrorismo à religião muçulmana (Altheide, 2006; Nayak, 2006), apesar desses mesmos estereótipos também marcarem os discursos sobre o “velho terrorismo”.

Seguindo a lógica do “novo terrorismo”, é nessa era que a investigação académica redobra os interesses no estudo do terrorismo, em interligação com um conjunto de outras características e modificações sociais, tal como a transformação tecnológica digital, a universalização da Internet e a massificação das plataformas sociais. De todo o modo, mesmo nesse contexto académico, há alguma uniformização e homogeneização de conceitos como o de célula terrorista e *Daesh* ou *al-Qaeda*, em particular sobre a forma como podem utilizar essas plataformas para a radicalização e o recrutamento (Antunes, 2022b). Apesar de o “novo terrorismo” surgir após os atentados de 11 de setembro, que foram organizados em grupo de forma complexa de modo a colidirem dois aviões contra as Torres Gémeas do World Trade Center, em Nova York, deixando quase 2.310 vítimas mortais (Dunlap, 2023), há uma importante dimensão inserida neste novo contexto que importa sublinhar. Os “lobos solitários” e, por vezes, “indivíduos radicalizados” são expressões utilizadas para designar os indivíduos “inspirados, motivados e por vezes coordenados por redes (virtuais) de uma ideologia ou religião mais ou menos conhecida”¹ (van Buuren & de Graaf, 2014, p. 174). Geralmente, os atentados preconizados por eles são menos letais e perigosos do que aqueles organizados em grupos (Cohen et al., 2014). Podem ser enquadrados nesta lógica atentados como os da Noruega em 2011, por Anders Breivik (Jordán, 2011), o massacre na igreja americana de Charleston em 2015, por Dylann Roof (Alonso, 2017), tal como poderia ser incluído nesta designação o plano do ataque terrorista não concretizado em Portugal (Antunes, 2022a), que é o foco deste artigo.

Ambiente digital

Manuel Castells (2004) tem marcado, nas últimas duas décadas, a forma como a investigação analisa a arquitetura e o funcionamento das atuais plataformas digitais². Importa, por isso, recuperar o conceito de sociedade em rede, cunhado pelo sociólogo e professor universitário espanhol, que foi introduzido numa época inicial do século XXI em que se assistia à emergência da (abundante) sociedade da informação. Nas palavras do investigador, uma sociedade em rede é “uma sociedade cuja estrutura social é feita de redes alimentadas por tecnologias de informação e comunicação baseadas em microeletrónica” (Castells, 2004, p. 3).

¹ Tradução dos autores.

² Neste estudo, considera-se por plataformas digitais a utilização da tecnologia da Internet, por empresas como a Google, Apple, Facebook, Amazon e Microsoft, para oferecer ao mercado diferentes tipos de serviços baseados na dataficação, processo de registo contínuo de interações e dados provenientes dos utilizadores nessas plataformas (Schwarz & Larsson, 2018).

Uma rede pode ser definida como a interligação de um conjunto de nós, os utilizadores (Castells, 2004). Apesar de serem os nós a sustentarem a rede de conexões que ocorre digitalmente, cada um deles tem em si uma importância relativa. Significa que o valor de um nó, enquanto componente, não reside nas suas características, mas na sua capacidade em contribuir para os objetivos da rede. Sendo a rede a unidade, ela tem flexibilidade, escalabilidade e a capacidade de se auto reconfigurar ao contexto, procurando excluir ou incluir (lógica binária da programação informática) os componentes e o tamanho da rede, sempre que necessário, perante uma suposta ausência de um centro (Castells, 2004, p. 6).

Ao instituir-se como um meio de comunicação aberto, participativo, interativo, recíproco, descentralizado e ininterrupto, a Internet permitiu a emergência de um espaço público digital composto por utilizadores heterogêneos (Lévy, 1997). A dimensão social é identificada como sendo a mais importante do ambiente digital (Costa, 2021), porque é ela que possibilita as relações de produção, consumo, reprodução, experiência e poder entre pessoas que partilham um sistema cultural.

Rogério Santos (1998) considerava que a formação de comunidades no ambiente digital dependia dos laços pessoais que se estabeleciam por lá. Contudo, para que fossem estruturas coesas, Schuler (2010, p. 292) defendeu também ser necessário compartilharem um sistema de valores interdependentes (convivência e cultura; educação; democracia forte; saúde e bem-estar; igualdade económica, oportunidade e sustentabilidade; informação e comunicação).

Estudos de Internet: um campo teoricamente orientado

Em 1992, Barry Wellman, um dos primeiros cientistas sociais a estar envolvido nos Estudos de Internet, pediu na Conferência Computer-Supported Cooperative Work para que também outros investigadores prestassem mais atenção à forma como as pessoas realmente comunicavam no contexto físico. Argumentava que o mundo não tinha começado de novo com o advento da Internet e, por esse motivo, não deveria ser analisado enquanto um fenómeno *online* isolado. Propunha que as redes de comunicação digitais não fossem consideradas simples veículos de interação *online*, uma vez que os utilizadores estavam a incorporar essas formas de comunicação mediadas por computador na sua interação física (Wellman, 2004, p. 123).

Apesar de a proposta de Wellman (2004) ter sido desvalorizada e remetida para os Estudos do Utilizador, a verdade é que, atualmente, assume-se como uma área de estudos independente e teoricamente orientada para a análise dos tipos de relações que a Internet fomenta ou não e que elementos dinâmicos e de composição dos grupos sociais formam os padrões de interação e conexão (Recuero, 2009; Schmidt et al., 2018). Procura-se compreender de que forma as redes informáticas, enquanto espaços de sociabilidade, suportam os tipos de redes sociais (comunidades) em que as pessoas vivem, se relacionam e trabalham (Brown et al., 2007).

Ainda que se assumam cada vez mais como redes individualizadas, no sentido em que cada pessoa pode ser uma peça central da comunicação e informação, a evolução do espaço público digital está associada aos processos individuais e coletivos de apropriação e domesticação da tecnologia (Castells, 2006; Lévy, 1997; Nie, 2001). De tal forma que a tecnologia digital, em particular o *smartphone*, assume-se cada vez mais

como uma extensão tecnológica do *self* (Zhang et al., 2018), nomeadamente no contexto específico de jovens em idade adulta em Portugal (Amaral et al., 2022).

O estudo de Recuero, Zago e Soares (2018) evidencia como a informação no interior dos grupos nas plataformas digitais tende a ser homogénea e os discursos ecoam as posições de atores dos grupos. Por outro lado, os *websites* possuem algoritmos que agrupam a informação e as pessoas em função de afinidades e de outros filtros, sugerindo que as plataformas silenciam o contraditório e propiciam as câmaras de eco (Quattrociocchi et al., 2016). Há mais de duas décadas que a pesquisa se debruça sobre os possíveis impactos da Internet e os tipos de sociabilidade em cinco domínios (Amaral, 2016; DiMaggio et al., 2001, p. 307): fosso digital; capital social; participação política; organizações e instituições económicas; participação e diversidade cultural.

Dinâmicas sociais nos espaços participativos do jornalismo pós-industrial

A existência social pode ser vista como uma experiência crescentemente mediada pela tecnologia (Lagerkvist, 2019), em que as fronteiras *online* e *offline* estão cada vez mais esbatidas. Daí que se possa falar das tecnologias, em particular o *smartphone*, como extensões das pessoas, isto é, extensões do *self* que se tornam partes essenciais da vida (Zhang et al., 2018). Diferentes estudos, inclusive focados na realidade portuguesa, abordaram como diferentes categorias de aplicações móveis assumem pesos distintos nessa lógica de extensão do *self* (Amaral et al., 2022, 2023).

De todo o modo, há quem se oponha à visão da tecnologia como tendencialmente imersa de forma extensiva da vida não tecnológica. Jurgenson (2011a, 2011b) entende que o meio digital é perspectivado como uma dimensão paralela à realidade do meio físico (Jurgenson, 2011a, 2011b), o que foi mais recentemente corroborado por autores como Costa (2021) e Gosse (2021), principalmente no que diz respeito à vivência de experiências de violência digital. Esse alegado processo de diferenciar a vida dos meios *online* e *offline* pode ser denominado como “dualismo digital” (Jurgenson, 2011a, 2011b) da “existência digital” (Lagerkvist, 2019). A este propósito, Jurgenson (2011a) defende há mais de uma década que “a nossa realidade é tecnológica e orgânica, digital e física, tudo ao mesmo tempo”, contribuindo para uma “realidade aumentada” (Jurgenson, 2011b). Recuperando a conceptualização de Castells, Jurgenson (2011b) propõe a ideia de que átomos e *bits* se unem para criar a nossa realidade aumentada na cultura digital.

Em que medida a tecnologia *online* afeta a sociabilidade? Adam Waytz e Kurt Gray (2018) explicam que as tecnologias digitais podem facilitar dois tipos de comportamentos antagónicos. Se, por um lado, a expressão de solidariedade pode ser considerada um comportamento positivo, por outro lado, a perpetuação de discursos de ódio enquadra-se num comportamento negativo. Sabe-se que a sociabilidade está intimamente relacionada com a empatia, a tomada de perspectiva, a inteligência emocional e o reconhecimento de emoções, podendo ser definida como “a capacidade e a tendência das pessoas de serem sociáveis – de reconhecer e responder positivamente aos estados mentais dos outros (pensamentos, sentimentos, crenças, intenções, desejos)” (Waytz & Gray, 2018, p. 474). Com o uso universal da tecnologia *online*, por meio da Internet, plataformas sociais, realidade virtual e jogos *online*, Ferrara (2012) salientou que as suas diferentes características topológicas podem estruturar a sociabilidade.

O ecossistema mediático que caracteriza o jornalismo pós-industrial foi sendo reestruturado no decurso da massificação da Internet (Bruns, 2018). Coabita num ambiente onde os jornalistas perderam o papel de guardiões das informações e o monopólio sobre os assuntos do espaço público. Nesse ambiente mediático, concorrem cada vez mais atores, existem novas formas de consumo jornalístico e de interação com conteúdos, bem como há a concentração de poder por parte das grandes empresas tecnológicas, o que propicia um aparente caos informativo (Anderson et al., 2014).

A tradicional participação através das cartas dos leitores assumiu novos formatos com o surgimento do Conteúdo Gerado pelo Utilizador (Reader, 2012). Entre as conceptualizações de "prosumer" (Toffler, 1981) - depois reapropriada no contexto da cultura da convergência (Jenkins, 2006) - ou de "producer" (Bruns, 2009), há em comum o envolvimento dos utilizadores numa dupla função de produtores e consumidores; comunicadores e públicos, que pode embarcar a cobertura de praticamente qualquer tópico, inclusive o terrorismo (Cheong & Lundry, 2012). A maior acessibilidade em se comentar nos espaços de participação acolhidos pelos média nos seus *websites* e em plataformas sociais, como o Facebook, desencadeou novas práticas culturais, inclusive para a cultura jornalística tradicional (Hermida et al., 2011) que, apesar de reconhecer a importância da interação dos públicos, considerava a participação como divergente das normas e valores jornalísticos (Domingo, 2008). Esta interação tem sido analisada em várias investigações com o intuito de aferir a qualidade em função dos valores da profissão (Miloni et al., 2012; Topinka, 2018; Wright et al., 2020).

No Facebook, considerado a maior plataforma social até à data, os indivíduos estão maioritariamente agregados em comunidades bem interligadas entre si, especialmente nas de pequena ou média dimensão (Ferrara, 2012). O estudo de Schmidt et al. (2018) mostra como os utilizadores interagem com um pequeno número de meios de comunicação, sugerindo que o consumo de notícias no Facebook é dominado pela exposição seletiva e para o qual a confiança nos média desempenha um papel fundamental contra a polarização dos indivíduos *online*.

No que respeita à interação com o fluxo informativo no Facebook, "um like representa um *feedback* positivo a uma publicação; uma partilha expressa o desejo do utilizador de aumentar a visibilidade de uma determinada informação; e um comentário é a forma como os debates coletivos em linha tomam forma. Por conseguinte, os comentários podem conter um *feedback* negativo ou positivo relativamente a uma publicação" (Schmidt et al., 2018, p. 7). Como o interesse dos utilizadores pelos tópicos cresce de forma constante até atingir um ponto de saturação, "os tópicos que atingiram um patamar na evolução do seu envolvimento logo após o seu surgimento inicial têm maior probabilidade de recolher reações negativas/controversas, enquanto os tópicos que são mais constantes no seu crescimento tendem a atrair interações positivas dos utilizadores" (Etta et al., 2023, p. 7). Constata-se que os participantes tendem a assumir a mesma posição em comentários. A maior parte não aborda os assuntos jornalísticos retratados e, portanto, não expõem novos pontos de vista ou informações complementares sobre os temas e utilizam práticas discursivas de incivildade (Miloni et al., 2012). Alcançar a tão desejada cultura participativa começa agora a ser encarada como uma utopia democrática (Carpentier et al., 2013; Jenkins & Carpentier, 2013; Wright et al., 2020).

Materiais e métodos

Face ao surgimento de uma exaustiva cobertura jornalística, a partir do dia 10 de fevereiro de 2022, sobre o alegado planeamento de ataque terrorista à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, interessa analisar as dinâmicas sociais que ocorreram na plataforma social Facebook aquando da circulação de conteúdos jornalísticos relativos ao caso enquadrado como um crime terrorista sem paralelo e inédito em Portugal, procurando-se responder às seguintes questões de investigação:

RQ1: Quais foram os ângulos jornalísticos privilegiados na cobertura noticiosa do evento?

RQ2: Que padrões de sociabilidade marcaram os espaços participativos dos jornais na plataforma social Facebook?

Tendo o objetivo principal de investigar as práticas sociais presentes nos espaços participativos da imprensa de referência em Portugal no Facebook, este estudo exploratório é desenvolvido a partir do método de análise de conteúdo qualitativa descritiva aos comentários direcionados aos textos jornalísticos do Diário de Notícias, Público, Observador e Jornal de Notícias, que foram publicados nessa plataforma no primeiro mês após o evento, de 10 de fevereiro de 2022 a 11 de março de 2022. Considera-se imprensa de referência os jornais que têm como público-alvo a opinião pública dirigente, cujos conteúdos se focam na política nacional e internacional, economia e cultura, essencialmente por meio de um ângulo jornalístico analítico e explicativo do tema, destacando-se dos demais pela sua capacidade de ser um agenda-setter (Figueiras, 2005). Ou seja, “os seus destaques tornam-se também os destaques da agenda pública (temas partilhados pela comunidade), dos outros média e, também, com a capacidade de condicionar a agenda política, impondo-lhe um comportamento. Estamos então perante um média com a capacidade de se “auto-agendar” no espaço público” (Figueiras, 2005, p. 4).

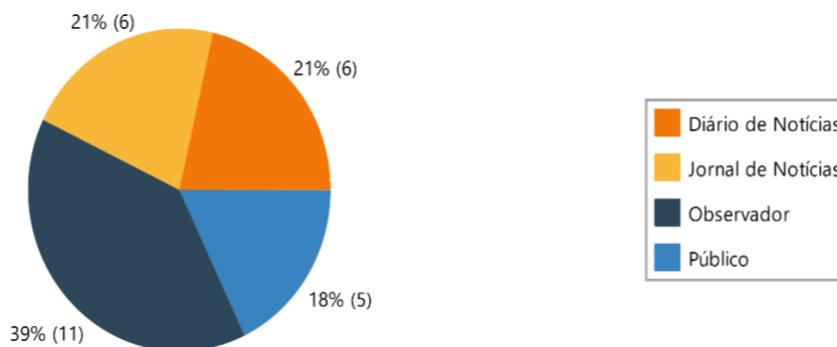
Considerado um instrumento empírico composto por um conjunto de técnicas de análise qualitativa e quantitativa, a análise de conteúdo permite interpretar e determinar padrões de comportamento e sociabilidade e, ainda, significações, através de descrições objetivas, sistemáticas, controladas e quantitativas do conteúdo presente em elementos textuais (Bardin, 2016/1977). Deste modo, permite-se imprimir a este estudo objetivos essencialmente expositivos da informação recolhida e algumas observações quantitativas simples. Com estes dados, não pretendemos esgotar a abordagem à realidade portuguesa em termos de sociabilidades em espaços participativos alojados na plataforma social Facebook. Esta estratégia e procedimentos metodológicos têm sido implementados em vários estudos (Costa, 2024; Costa & Mateus, no prelo). Para alcançar os propósitos da pesquisa, o processo de recolha foi conduzido, primeiramente, de maneira a verificar quantos textos jornalísticos sobre o suposto ataque terrorista tinham sido publicados pelos média no Facebook. Através da colaboração do MediaLab, utilizou-se a ferramenta Crowd Tangle para mapear os seguintes termos de pesquisa³: (tentativa de ataque OU ataque terrorista OU terrorismo OU FCUL) E (-taliban -Iémen -Mali -Vodafone -armas termobáricas -Iraque -guerra nuclear -síria -Ucrânia - ucraniana -zelenski -zelensky -Rússia -Zelenskii -Ómicron -terrorismo nuclear).

Extraídos os primeiros dados retirados do Crowd Tangle, a amostra era constituída por 56 textos jornalísticos. Identificou-se a necessidade de proceder à sua filtragem, considerando que alguns textos pertenciam a outras empresas dos grupos de comunicação social, uns estavam repetidos e outros não se

³ O sinal '-' corresponde à exclusão do processo de pesquisa, que ocorreu no dia 30 de novembro de 2022.

enquadravam na categoria de textos jornalísticos. Ainda neste momento, optou-se por excluir todos os textos opinativos, como as crónicas e os editoriais, por se considerar que poderiam influenciar os temas abordados pelos utilizadores face ao evento noticioso e, conseqüentemente, as suas dinâmicas sociais. De seguida, a plataforma SentiOne foi utilizada para extrair os 1969 comentários dos *posts* da amostra composta por 28 textos jornalísticos. Conforme representado na Figura 1, o Observador foi o meio de comunicação que mais textos jornalísticos publicou nesse período, nomeadamente 11 (39%), enquanto os restantes publicaram seis ou menos conteúdos.

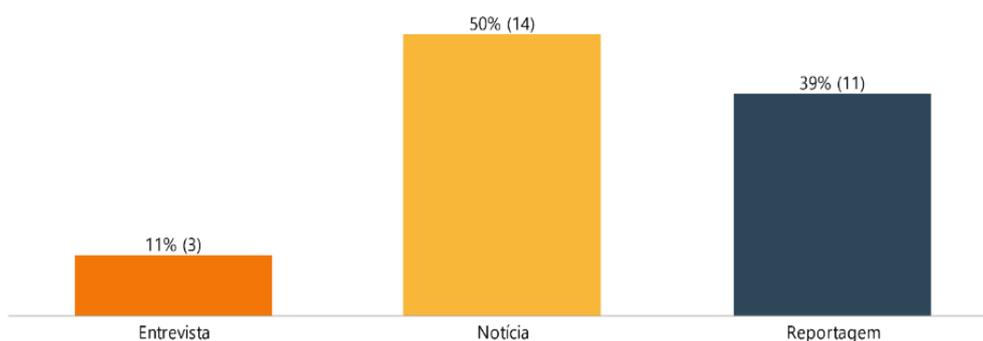
Figura 1: Publicação dos textos jornalísticos por meio de comunicação



Fonte: Elaboração própria em MAXQDA

Sobre o género jornalístico da amostra, metade dos textos são notícias ($n = 14$), tendo também a reportagem um peso significativo de 39% ($n = 11$), conforme se pode observar na Figura 2.

Figura 2: Género jornalístico dos textos

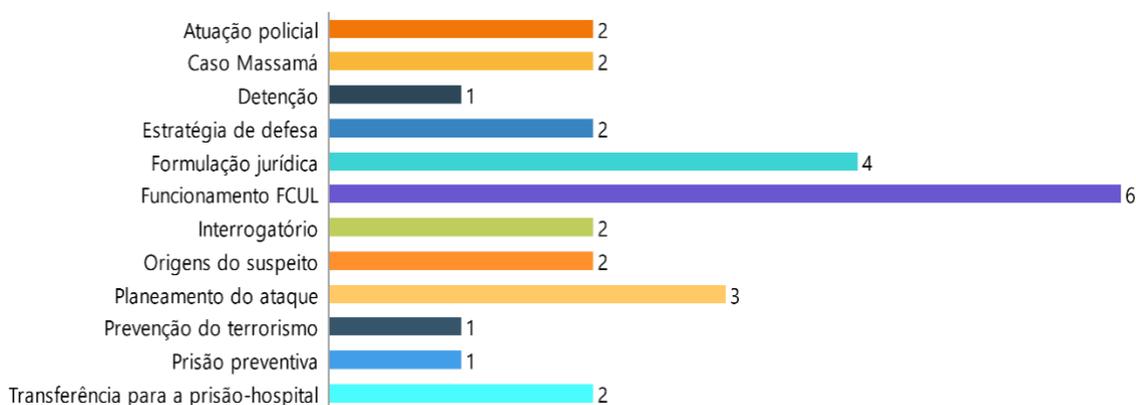


Fonte: Elaboração própria em MAXQDA

Como os estudiosos que usaram uma abordagem semelhante para estudar a cobertura mediática do terrorismo doméstico e internacional (Chermak & Gruenewald, 2006; Du & Li, 2017; Kearns et al., 2019; Nacos et al., 2007), examinámos o foco dado ao evento nos textos através da análise de conteúdo por método indutivo (Elo & Kyngäs, 2018; Mayring, 2000). Identificou-se que seis desses textos têm como

ângulo noticioso o normal funcionamento da FCUL no dia seguinte à divulgação da detenção do suspeito, num período correspondente à realização de exames, quatro concentram-se na formulação jurídica, isto é, na legislação da prática do crime de terrorismo, três sobre os pormenores encontrados para a concretização do incidente, num total de 12 ângulos demonstrados na Figura 3.

Figura 3: Ângulos jornalísticos da amostra



Fonte: Elaboração própria em MAXQDA

No que respeita às métricas de circulação desses conteúdos no Facebook, mapeou-se um total de 6474 interações, das quais fazem parte as reações ($n = 4270$), comentários ($n = 1969$) e partilhas ($n = 235$). No total de reações, 2920 são "Likes", 25 "Love", 260 "Wow", 383 "Haha", 518 "Sad", 144 "Angry", e 20 "Care". Com o auxílio do software de análise qualitativa MAXQDA, a matriz de categorização dos comentários foi construída a partir dos dados por método indutivo (Elo & Kyngäs, 2018; Mayring, 2000).

Resultados e discussão

Do processo de análise qualitativa de conteúdo por método indutivo em MAXQDA, a partir do que era dito e de como se estruturavam as sociabilidades naqueles espaços participativos sobre o suposto ataque terrorista à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, identificou-se ser necessário codificar as unidades de análise em função de seis dimensões: cobertura jornalística, suspeito de atentado terrorista, rumo da sociedade portuguesa e herança histórica, atuação policial, sistema judicial e, ainda, comentários aleatórios e incivildade entre utilizadores. Para as dimensões analisadas, quatro códigos de primeiro nível foram subdivididos em outros códigos de segundo nível como demonstrado na Tabela 1.

No código de primeiro nível que corresponde à primeira dimensão da análise, foram tidas em conta as observações realizadas por utilizadores em relação à cobertura jornalística. Este código é subdividido em oito códigos ("Jornalixo", "Ângulo de abordagem: terrorismo", "Instrumentos para concretizar ataque", "Medo na opinião pública", "Sensacionalismo", "Declarações de fontes de informação", "Interesses/promiscuidade dos média" e "Decisão do diretor da FCULisboa"), onde são analisados os sentidos discursivos reificados através dos comentários. Esta decisão prende-se com o facto de os comentários serem frequentemente utilizados com o intuito de expressar opiniões e posições, de acrescentar informação ou esclarecer um determinado tema, para enumerar alguns. Ou seja, esta é a forma pela qual os debates coletivos no espaço público digital tomam forma, independentemente do tipo de feedback (positivo, neutro ou negativo) atribuído a cada comentário (Schmidt et al., 2018).

Dois códigos de segundo nível foram divididos em subcategorias procurando-se identificar que tipos de dinâmicas sociais ocorreram sobre as declarações de fontes de informação dos textos jornalísticos, bem como em relação à decisão do diretor da FCUL em continuar o normal funcionamento da instituição, que se encontrava em época de exames. Esta subdivisão foi uma opção tomada com a perspetiva de que poderia existir um elevado número de segmentos codificados em notícias sobre ou que incluíam declarações de personalidades de relevo na vida pública de Portugal, algo que acabou por não ocorrer.

A segunda dimensão de análise foca-se quer no que foi dito sobre o suspeito, como de que forma. Ao se identificar que os comentários se associavam ao interrogatório, casos idênticos, desconhecimento da família, nacionalidade e naturalidade do suspeito, solidariedade para com a família do suspeito, defesa do suspeito e condenação do mesmo, subdividiu-se o primeiro nível da estrutura de codificação em sete códigos de segundo nível.

Para a terceira dimensão deste estudo, os comentários foram codificados quando se propunham a dissertar sobre o generalizado rumo atual da sociedade portuguesa, tendo como base o evento mediático, para os quais foi convocada a herança histórica, como forma de estabelecer comparações entre o passado e o presente de Portugal.

No que respeita à quarta dimensão, procurou-se perceber as opiniões veiculadas sobre a atuação policial no momento da detenção, uma vez que os utilizadores procuraram manifestar-se principalmente de forma positiva ou negativa em relação ao acontecimento. Deste modo, o código principal foi categorizado através de dois códigos de segundo nível.

Para a quinta dimensão de análise, a codificação foi orientada para os comentários que se concentraram na legislação portuguesa, em manifestar expectativas em relação à atuação do sistema judicial neste caso, bem como em expressar desagrado para com a ideia generalista de "aparelho" ou "sistema".

Por fim, a última dimensão de análise, procedeu à categorização dos comentários que indagavam em temas aleatórios e de aqueles que se dirigiam e se expressavam, com incivildade, a outras pessoas.

Tabela 1: Lista de códigos e distribuição dos segmentos codificados

	Frequência absoluta	Percentagem
1 Cobertura jornalística	818	33,9%
1.1 "Jornalixo"	43	1,8%
1.2 Ângulo de abordagem: terrorismo	280	11,6%

1.3 Instrumentos para concretizar ataque	178	7,4%
1.4 Medo na opinião pública	27	1,1%
1.5 Sensacionalismo	190	7,9%
1.6 Declarações de fontes de informação	23	0,9%
1.6.1 Explicar processos jornalísticos	1	0,04%
1.6.2 Concordar com as declarações	1	0,04%
1.6.3 Discordar das declarações	1	0,04%
1.6.4 Criticar declarações	12	0,5%
1.6.5 Insultos e incivilidade	8	0,3%
1.7 Interesses/promiscuidade dos média	24	1%
1.8 Decisão do diretor da FCUL	53	2,2%
1.8.1 Apoiar a contestação dos alunos	4	0,2%
1.8.2 Criticar a contestação dos alunos	19	0,8%
1.8.3 Concordar com a decisão	4	0,2%
1.8.4 Discordar da decisão	18	0,7%
1.8.5 Outros	8	0,3%
2 Suspeito de atentado terrorista	675	28%
2.1 Interrogatório	18	0,8%
2.2 Casos idênticos	92	3,8%
2.3 Desconhecimento da família	20	0,8%
2.4 Nacionalidade e naturalidade do suspeito	34	1,4%
2.5 Solidariedade para com a família do suspeito	38	1,6%
2.6 Defender suspeito	212	8,8%
2.7 Condenar o suspeito	261	10,8%
3 Rumo da sociedade portuguesa e herança histórica	157	6,5%
4 Atuação policial	192	7,9%
4.1 Manifestação de agrado	59	2,4%
4.2 Manifestação de desagrado	133	5,5%
5 Sistema judicial	81	3,4%
5.1 Legislação	24	1%
5.2 Expectativas	10	0,4%
5.3 Desagrado para com o sistema	47	2%
6 Comentários aleatórios e incivilidade entre utilizadores	491	20,3%
n = 1969, 100%	2414	100%

Fonte: Elaboração própria em MAXQDA

O número total de 2414 segmentos codificados indica, em primeiro lugar, que as intervenções de utilizadores não se distribuem de forma homogénea e, em segundo lugar, que uma intervenção pode ser utilizada com várias finalidades, originando uma codificação múltipla para uma mesma intervenção pública. Deste modo,

a unidade de análise (o comentário) foi codificada em uma ou mais categorias. Utiliza-se a designação “segmentos codificados”, dada a necessidade de subdividir o comentário em trechos para a codificação, quando o utilizador abordou diferentes categorias da análise. Na Tabela 1, identifica-se que as dimensões mais frequentes no *corpus* são “Cobertura jornalística” (33,9%), “Suspeito de atentado terrorista” (28%) e “Comentários aleatórios e incivilidade entre utilizadores” (20,3%). A mesma tabela demonstra ainda que as principais práticas sociais dos utilizadores portugueses naqueles espaços participativos são dar um *feedback* (positivo, neutro ou negativo) relativamente à publicação do média ou ao conteúdo do próprio texto jornalístico, que pode incluir manifestações de agrado ou desagrado, a partilha de outras informações e a apresentação de reflexões pessoais sobre temas limítrofes (de contexto), bem como comentar aleatoriamente sem qualquer ligação com o conteúdo da publicação ou do texto jornalístico veiculado e os comportamentos de incivilidade para com outros comentadores, jornalistas e fontes de informação.

Recorrendo ao comando do MAXQDA “matriz hierárquica de conexões entre códigos” (vide anexo), observa-se de que forma se processam as conexões e quão fortes estas são entre códigos/categorias. Os círculos vermelhos representam conexões fortes, os círculos lilases conexões moderadas, e os círculos azuis conexões fracas. No que diz respeito às associações mais expressivas, identificam-se as seguintes relações:

1. Entre utilizadores que se posicionam na defesa do suspeito e os comentários que expressam solidariedade para com a família do suspeito, demonstrando desagrado para com a atuação levada a cabo pela Polícia Judiciária, e promovendo reflexões sobre o rumo atual da sociedade portuguesa.
2. Entre utilizadores que se posicionam a favor da condenação do suspeito e os comentários em que adotam posições favoráveis perante a atuação policial, expressando descrença sobre o funcionamento do sistema judicial português.
3. Entre utilizadores que se concentram nos instrumentos apreendidos aquando da detenção do indivíduo e os comentários em que adotam posicionamentos de condenação do suspeito.
4. Entre utilizadores que referem uma cobertura jornalística sensacionalista e os comentários em que condenam a promiscuidade e o medo provocado na opinião pública pelos meios de comunicação social.
5. Entre utilizadores que refletem sobre o rumo atual da sociedade portuguesa e os comentários em que expressam desagrado para com o funcionamento geral do sistema judicial.

Na Figura 4, apresenta-se uma nuvem de palavras que permite identificar os termos mais presentes no *corpus*: “pessoas”, “sociedade”, “comunicação”, “notícias”, “eu”, “jovem”, “rapaz”, “ataque”, “terrorista”, “terrorismo”, “FBI”, “casa”, “plano”, “matar”, “armas”, “gás”, “besta”, “facas”, “bullying”, “autismo”, “asperger”, “ajuda”, “coitadinho”, “pena”, “família” e “pais”.

Figura 4: Nuvem de palavras

uma besta, botijas de gás, uma catana, e facas. Esses instrumentos foram também ridicularizados nos comentários, sugerindo que qualquer cidadão português poderia ser encontrado pelas forças de segurança pública na posse de tais utensílios idênticos. Portanto, verifica-se uma desvalorização recorrente deste facto. Veja-se o seguinte comentário:

Este "atentado" é uma anedota completa. Mera elucubração dum rapaz perturbado detentor duns quantos brinquedos que não poderia usar. Em mãos mais sabedoras poderia fazer alguns danos. Nunca uma mortandade. Uma pistola besta, depois de referirem arcos e flechas, foi ridículo. Facas, há tantas por aí. Uma garrafa de gás de 13 kg. Como a transportaria??? Enfim. Uma anedota.

Suspeito de atentado terrorista

Na dimensão de análise relativa ao suspeito de atentado terrorista, os utilizadores aproveitaram a possibilidade oferecida pela plataforma social para defender e condenar publicamente o suspeito, bem como para recordar casos aparentemente semelhantes em termos de terrorismo.

Como argumento de defesa, os comentários focaram-se na possibilidade de o estado psicológico do suspeito estar comprometido pelo facto de ser portador de Síndrome de Asperger, e de eventualmente não estar a ser devidamente acompanhado por professores especializados e psiquiatras. A essa condição, soube-se mais tarde, através da cobertura jornalística, que o suspeito era vítima de *bullying*, o que promoveu padrões discursivos em torno dos problemas que este poderia estar a tentar ultrapassar. Estes utilizadores pediam cuidados de saúde e tratamento psiquiátrico, bem como uma nova oportunidade para o "miúdo de 18 anos" poder reconstruir a sua vida. Veja-se um exemplo:

No melhor pano cai a nódoa. Não sabemos o dia de amanhã. Se soubesse o que é esta doença e as lutas que se tem para se ultrapassar. Que Deus nos livre... podemos ter um familiar... E olhe que tenho um filho na Faculdade. Por algum motivo, ele não conseguiu na primeira tentativa... Este mundo deles é diferente e pensar em fazer é uma coisa... concretizarem é outra. Ele precisa de médico e ser tratado e não prisão.

Em sentido contrário, com o intuito de se procurar a condenação em praça pública do suspeito, os utilizadores focaram-se na tendência pública para a desculpabilização e a absolvição de criminosos em Portugal pelo argumento dos problemas psiquiátricos. Alguns utilizadores alertaram para o facto de a opinião pública estar a criar "um coitadinho" que, por sinal, é de nacionalidade portuguesa. Um utilizador sintetiza esta ideia da seguinte forma:

Senhor me perdoe, mas se fosse um francês, um marroquino, um esloveno, um ucraniano, um alemão, um suíço, um porto-riquenho, um Mohamed Salah, já não era um coitadinho.

Para recordar e partilhar casos aparentemente semelhantes, os comentários apresentam eventos terroristas, outros que foram inicialmente indiciados como terrorismo, mas cuja acusação caiu, e outras situações pessoais. Recordando o caso de Massamá, este utilizador afirma:

O outro jovem de Massamá, ao que parece, cumpriu 6 meses de "internamento". Caiu a acusação de terrorismo e esfaqueou 3 pessoas...

Comentários aleatórios e incivilidade entre utilizadores

Quanto à terceira dimensão de análise mais expressiva do *corpus*, os comentários e a incivilidade ocupam uma centralidade nas dinâmicas sociais identificadas. Porém, os tópicos centrais a estes comentários são dispersos, por vezes desconexos, enquadrando quer respostas a outros utilizadores, como comentários não

diretos a alguém, sejam ou não sobre o assunto da cobertura mediática. Podem tomar-se como exemplos de comentários de resposta, geralmente de curta expressão, os seguintes:

Problemas debes ter tu e não são poucos 🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔🤔

Ou ainda:

A inteligência também é uma coisa que te ultrapassa.

Ou ainda:

Animal vi eu quando olhei para a tua foto, Ó fútil! Vou ficar por aqui para não dizer asneiras! Tenho dito...

Se os comentários anteriores suscitam uma leitura de incivildade direta e sucinta entre utilizadores, esta dimensão de análise incorpora ainda um vasto conjunto de comentários que não se dirigem diretamente a outros utilizadores. Aumento de combustíveis, violência da extrema-direita e efeitos colaterais da vacina contra a Covid-19 são apenas alguns dos temas nomeados, de forma aleatória, pois tipicamente não respondem diretamente ao assunto da publicação. Esses comentários, por vezes, poderão ser entendidos como parte de correntes de rumores de desinformação ou de teorias de conspiração. Veja-se o seguinte exemplo:

Apagão Geral. A próxima catástrofe internacional será um apagão generalizado, é necessário estar preparado para um cenário em que as redes de energia deixam de funcionar, o que afeta também outras infraestruturas, como o fornecimento de água. Um apagão "significa que o abastecimento de alimentos, artigos de higiene ou medicamentos também é perdido" e "ocasionalmente, devem ser esperados problemas com o abastecimento de água e eliminação de águas residuais". Numa situação dessas, o que pode ser útil? "Velas, fósforos, pilhas, extintores de incêndio, alarmes de monóxido de carbono, água (dois litros por pessoa por dia para três a cinco dias), bebidas, chá, café", estão na lista. Mas há mais: "Alimentos duráveis por duas semanas (massa, arroz, comida enlatada ...), medicamentos essenciais para duas semanas, kit de primeiros socorros, artigos de higiene, sacos de lixo, fitas adesivas". Outro aviso também deixado é que convém "ter o carro sempre abastecido com meio depósito" e "dinheiro em notas pequenas e moedas". Tens um plano B? Prepara-te para um Blackout, brevemente. Cyber Polygon.

Atuação policial

No âmbito da dimensão respeitante à atuação policial, os comentários desdobraram-se em manifestações de desagrado e de agrado sobre a forma como a Polícia Judiciária conduziu este caso.

Relativamente aos comentários de desagrado, os discursos são uníssonos em expressar insatisfação perante a intervenção da congénere norte-americana FBI, que alertou a PJ de ter detetado a divulgação *online* do planeamento do ataque à FCUL, como ilustra a citação:

Parabéns à PJ porquê? Se não fosse o FBI a alertar a PJ, ainda hoje andava a descobrir quem fez o atentado.

Contudo, vários são os comentários que fazem alusão à precipitação da PJ na detenção do suspeito, por supostamente não ter "vigiado e estudado" adequadamente a personalidade do indivíduo, entre outros elementos, mas também pelas proporções mediáticas que o caso tomou após a emissão de um comunicado por aquela entidade policial.

As opiniões de agrado concentram-se, principalmente, na ótica de que a PJ conseguiu travar um massacre indiscriminado, avaliando, de forma positiva, o momento para as buscas domiciliárias que conduziram à detenção do indivíduo. A este respeito, pode ler-se:

O jovem foi detido, na véspera do suposto ataque. Se fosse "imediatamente antes", como refere, teria de ser nas instalações da Faculdade, com todo o perigo e transtorno que poderia ter causado. A Faculdade de Ciências

tem 50.000 alunos. Já imaginou 50.000 alunos em pânico ao mesmo tempo? A Polícia Judiciária atuou, e bem, de forma a correr o mínimo risco possível.

Rumo da sociedade portuguesa e herança histórica

No âmbito desta dimensão de análise, os utilizadores refletem mais negativamente do que positivamente sobre o rumo atual da sociedade portuguesa, com alguns a oferecerem contexto histórico do tempo de ditadura. Descrevem que atualmente existe “uma certa tolerância” perante os comportamentos violentos das crianças desde cedo, o que contribui para a normalização do *bullying*.

Um elemento interessante no discurso de alguns utilizadores diz respeito à utilização deste caso para alertar para a necessidade de se apostar na prevenção, quer por parte de entidades, quer por parte de cidadãos. Consideram ser necessário analisar as estruturas da sociedade que promovem, por exemplo, a competição excessiva, o que possibilitaria identificar novas formas de revitalizar a promoção e a transmissão de valores como a solidariedade, união, amizade e compreensão. Uma utilizadora comenta:

"Infelizmente sempre foi e sempre será assim". Só se "nós" não mudarmos!!! Sou muito revoltada com este egoísmo e egocentrismo que em nada de bom traz, só se for para os próprios. A este miúdo, se lhe tivessem dado uma mão, ele não sentia necessidade nenhuma de sequer pensar num ato destes. Para mim, é revoltante a inércia e o "está tudo bem"!

Sistema judicial

Olhando para o código de segundo nível mais expressivo, as visões gerais de desagrado para com o sistema judicial português são antigas, remetendo-nos para casos como o de Ricardo Salgado e de João Rendeiro. Sugerem que, além do sistema ser lento, quem tiver possibilidades económicas cumpre uma pena de prisão reduzida.

Aparentemente, esse histórico é apresentado como o motivo que agudiza as descrenças sobre supostas atuações “corretas” e “normais” das instituições judiciais em Portugal. Neste sentido, os utilizadores esperam que, também neste caso, não seja aplicada a pena adequada ou exista uma redução da pena devido aos distúrbios mentais. Sobre este aspeto, veja-se o seguinte exemplo:

Se lhe dessem a pena adequada, em vez de lhe passarem a mão pelo pêlo, serviria de exemplo para os próximos. 😊 As nossas "penas" judiciais até fazem rir um morto 🤡

Reflexões finais

Este estudo foca-se no alegadamente planeado atentado terrorista que foi travado pela Polícia Judiciária, antes de ter como alvo a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Reconhece-se, *a priori*, que este caso se insere na lógica do “novo terrorismo” (Neumann, 2009), em particular como um potencial caso de “lobo solitário” (Antunes, 2022a), de acordo com as conceptualizações trabalhadas por nomes como van Buuren e de Graaf (2014) ou Cohen et al. (2014).

Procurou-se atender à dupla modalidade do ecossistema mediático *online*, focado simultaneamente no jornalismo pós-industrial (Bruns, 2018), como na sociabilidade digital individual de expressão e extensão do *self* (Zhang et al., 2018; Amaral et al., 2022, 2023). Desta forma, começa-se por responder a RQ1: “Quais foram os ângulos jornalísticos privilegiados na cobertura noticiosa do evento?”, através da análise de

conteúdo por método indutivo (Elo & Kyngäs, 2018; Mayring, 2000), salientando-se seis textos no *corpus* de 28 textos jornalísticos, como representado na Figura 3. Esses seis textos jornalísticos centraram-se no funcionamento da FCUL, neste caso, descrito como um funcionamento normal, no seguimento do acontecimento em questão. Por conseguinte, não se destacou um ângulo jornalístico de foco no terrorismo ou na construção identitária de alguém como terrorista, o que reforça as reflexões retiradas da análise de Antunes (2022a) à cobertura jornalística portuguesa deste caso sem grande paralelo em Portugal, onde se evidenciaram menores focos no caráter terrorista do ato ou do plano face a outros casos estudados internacionalmente. Noutros casos, a cobertura jornalística que se foca na construção identitária das personagens centrais de casos semelhantes tende a assentar em estereótipos orientalistas e islamofóbicos que reforçam a suspeita, popular e/ou jurídica, do caráter terrorista do ato que esteja a ser mediado (Altheide, 2006; Antunes, 2022a; Nayak, 2006), o que não parece acontecer neste caso, mesmo tendo em consideração que a matriz teórica seguida nesta análise não tem como base teórica principal a construção identitária.

Ao se colocar como objetivo responder à RQ2: “Que padrões de sociabilidade marcaram os espaços participativos dos jornais na plataforma social Facebook?”, procurou-se mapear as dinâmicas sociais e analisar os comentários nos espaços participativos de conteúdos jornalísticos publicados *online* e divulgados nas páginas de Facebook do Diário de Notícias, Público, Observador e Jornal de Notícias, no período temporal de 10 de fevereiro a 11 de março de 2022, que corresponde ao primeiro mês após o eventual atentado terrorista à FCUL. O número total de segmentos codificados demonstrou que as intervenções dos utilizadores não se distribuem de forma homogénea, podendo ser utilizadas com várias finalidades.

Teve-se em consideração que a sociabilidade através de comentários em plataformas digitais como o Facebook possibilita a polarização, tendencialmente abarcando práticas discursivas de incivilidade (Miloni et al., 2012). De todo o modo, e apesar de comum, a incivilidade não se revelou como a temática mais presente na codificação e respetiva distribuição dos segmentos identificados, como é visível na Tabela 1. Aliás, a dimensão dos “Comentários aleatórios e incivilidade entre utilizadores” foi a terceira mais comum ($n = 491$; isto é, 20,3% do *corpus*). A codificação salientou as dimensões “Cobertura jornalística” ($n = 818$; 33,9%) e “Suspeito de atentado terrorista” ($n = 675$; 28%). O facto de cerca de um em cada três dos segmentos abordar a cobertura jornalística pode ser explicado pela vasta possibilidade de códigos incluídos nessa dimensão, destacando-se debates sobre o ângulo de abordagem jornalística pelo terrorismo ser o mais correto ou não, seguindo-se outras discussões diversificadas que instalam dúvidas e reflexões sobre a qualidade do trabalho jornalístico. Já na dimensão “Suspeito de atentado terrorista”, os utilizadores assumem um papel que inspira na resolução judicial, pois indagam sobretudo sobre possíveis aspetos criminais do caso e não sobre a cobertura mediática, tecendo juízos sobre o assunto mediático mais do que sobre o mediatismo. A vasta proliferação de comentários consequentes a um bem menor número de textos jornalísticos salienta o surgimento de diversas temáticas no sistema social de debates coletivos que os espaços de comentários possibilitam (Schmidt et al., 2018), apesar desses espaços participativos poderem até ser analisados como espaços de possível instabilidade democrática e das respetivas instituições, como os média jornalísticos (Carpentier et al., 2013; Jenkins & Carpentier, 2013; Wright et al., 2020).

A análise efetuada com recurso ao MAXQDA permite analisar, de forma exploratória, as sociabilidades também do ponto de vista das conexões entre diferentes códigos e dimensões. Consequentemente, permitiu-nos verificar que existe uma relação entre os utilizadores que defendem o suspeito e aqueles que

expressam solidariedade para com a família do suspeito, demonstrando desagrado para com a atuação levada a cabo pela Polícia Judiciária e promovendo reflexões sobre o rumo atual da sociedade portuguesa. Em sentido contrário, existe uma clara conexão/associação entre os utilizadores que se posicionam na condenação do suspeito e os comentários que adotam posições favoráveis à atuação policial e expressam descrença sobre o funcionamento do sistema judicial português.

Apesar de os resultados sugerirem elevadas presenças de comentários sobre a cobertura jornalística e sobre a suspeita de atentado terrorista, identifica-se nos dados também a presença do subcódigo em que o tema central é o ângulo jornalístico em torno do crime da prática de terrorismo (n = 280; 11,6%) - incluído na dimensão "Cobertura Jornalística". Esses resultados, em conjunto com o ato de comentar aleatoriamente e os comportamentos de incivildade, são as dinâmicas sociais mais frequentes, bem como diferentes associações entre códigos que poderão ser utilizados para orientar a investigação futura.

Acknowledgements/Funding information

A participação do primeiro autor deste artigo foi apoiada por fundos nacionais através de uma bolsa de investigação para doutoramento diretamente financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), enquadrada no projeto Aversion2agony: A cross-national comparative analysis of journalistic mediation of euthanasia in Portugal and the United Kingdom (Referência 2023.04877.BD).

Referências bibliográficas

- Altheide, D. L. (2006). Terrorism and the politics of fear. *Cultural Studies - Critical Methodologies*, 6(4), 415–439. <https://doi.org/10.1177/1532708605285733>
- Alonso, N. (2017, 17 de janeiro). Autor de massacre racial em igreja de Charleston, nos EUA, é condenado à morte. *El País*. https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/10/internacional/1484087364_360834.html (consultado no dia 8 janeiro de 2024).
- Amaral, I., Antunes, E., & Flores, A. M. (2023). How do Portuguese young adults engage and use m-apps in daily life? An online questionnaire survey. *Observatorio (OBS*)*, 17(2), 245–263. <https://doi.org/10.15847/obsOBS17220232141>
- Amaral, I., Flores, A. M., & Antunes, E. (2022). Desafiando imaginários: Práticas mediadas de jovens adultos em aplicações móveis. *Media & Jornalismo*, 22(41), 141–160. https://doi.org/10.14195/2183-5462_41_8
- Amaral, I. (2016). *Redes sociais na Internet: Sociabilidades emergentes*. LabCom.
- Anderson, C. W., Bell, E., & Shirky, C. (2014). *Post-Industrial Journalism: Adapting to the Present*. Tow Center for Digital Journalism.
- Antunes, E. (2022a). A Narrativa Jornalística no Twitter de um (Não) Atentado em Portugal. *Comunicação e Sociedade*, 42, 293–314. [https://doi.org/10.17231/comsoc.42\(2022\).4107](https://doi.org/10.17231/comsoc.42(2022).4107)

- Antunes, E. (2022b). Entre a Radicalização Online e a Comunicação de Crise: Principais Linhas de Pesquisa da Produção Científica entre Terrorismo e Redes Sociais. *Revista Comunicando*, 11(2), 1–24. <https://www.revistacomunicando.sopcom.pt/index.php/comunicando/article/view/278>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo* (L. Reto & A. Pinheiro, Trad.). Edições 70. (Trabalho original publicado em 1977).
- Barros, C., Costa, B. F., & Ramos, D. (2023). *Guia de boas práticas para a indústria 4.0*. UA Editora. <http://dx.doi.org/10.48528/fzgw-nn60>
- Boggs, C., & Pollard, T. (2007). The Hollywood war machine: U.S. militarism and popular culture. *Choice Reviews Online*, 44(12). <https://doi.org/10.5860/choice.44-7003>
- Brown, J., Broderick, A. J., & Lee, N. (2007). Word of mouth communication within online communities: Conceptualizing the online social network. *Journal of Interactive Marketing*, 21(3), 2-20. <https://doi.org/10.1002/dir.20082>
- Bruns, A. (2018). *Gatewatching and news curation: Journalism, social media, and the public sphere*. Peter Lang.
- Bruns, A. (2009). From prosumer to produser: Understanding user-led content creation. In Transforming Audiences 2009, 3 a 4 de setembro de 2009, Londres, 1-15. <https://eprints.qut.edu.au/27370/>
- Burkhardt, J. M. (2017). History of fake news. *Combating Fake News in the Digital Age - Library Technology Reports*, 53(8), 5–9. <https://journals.ala.org/index.php/ltr/article/view/6497>
- Carmo, C. (2022, 19 de dezembro). Aluno que planeou ataque à FCUL condenado a dois anos de prisão, mas absolvido de crime de terrorismo. *TSF*. <https://www.tsf.pt/portugal/sociedade/tentativa-de-ataque-a-fcul-aluno-absolvido-de-crime-de-terrorismo-mas-condenado-a-dois-anos-de-prisao-15513312.html> (consultado no dia 8 janeiro de 2022).
- Carpentier, N., Dahlgren, P., & Pasquali, F. (2013). Waves of media democratization: A brief history of contemporary participatory practices in the media sphere. *Convergence*, 19(3), 287-294. <https://doi.org/10.1177/1354856513486529>
- Castells, M. (2004). Informationalism, networks, and the network society: A theoretical blueprint. In M. Castells (Ed.), *The network society: A cross-cultural perspective* (pp. 3-48). Edward Elgar.
- Castells, M. (2006). A sociedade em rede: Do conhecimento à política. In M. Castells & G. Cardoso (Eds.), *A sociedade em rede: Do conhecimento à ação política* (pp. 17-30). Imprensa Nacional da Casa da Moeda.
- Cheong, P. H., & Lundry, C. (2012). Prosumption, transmediation, and resistance: Terrorism and man-hunting in Southeast Asia. *American Behavioral Scientist*, 56(4), 488–510. <https://doi.org/10.1177/0002764211429365>
- Chermak, S. M., & Gruenewald, J. (2006) The media's coverage of domestic terrorism. *Justice Quarterly*, 23(4), 428-461. <https://doi.org/10.1080/07418820600985305>

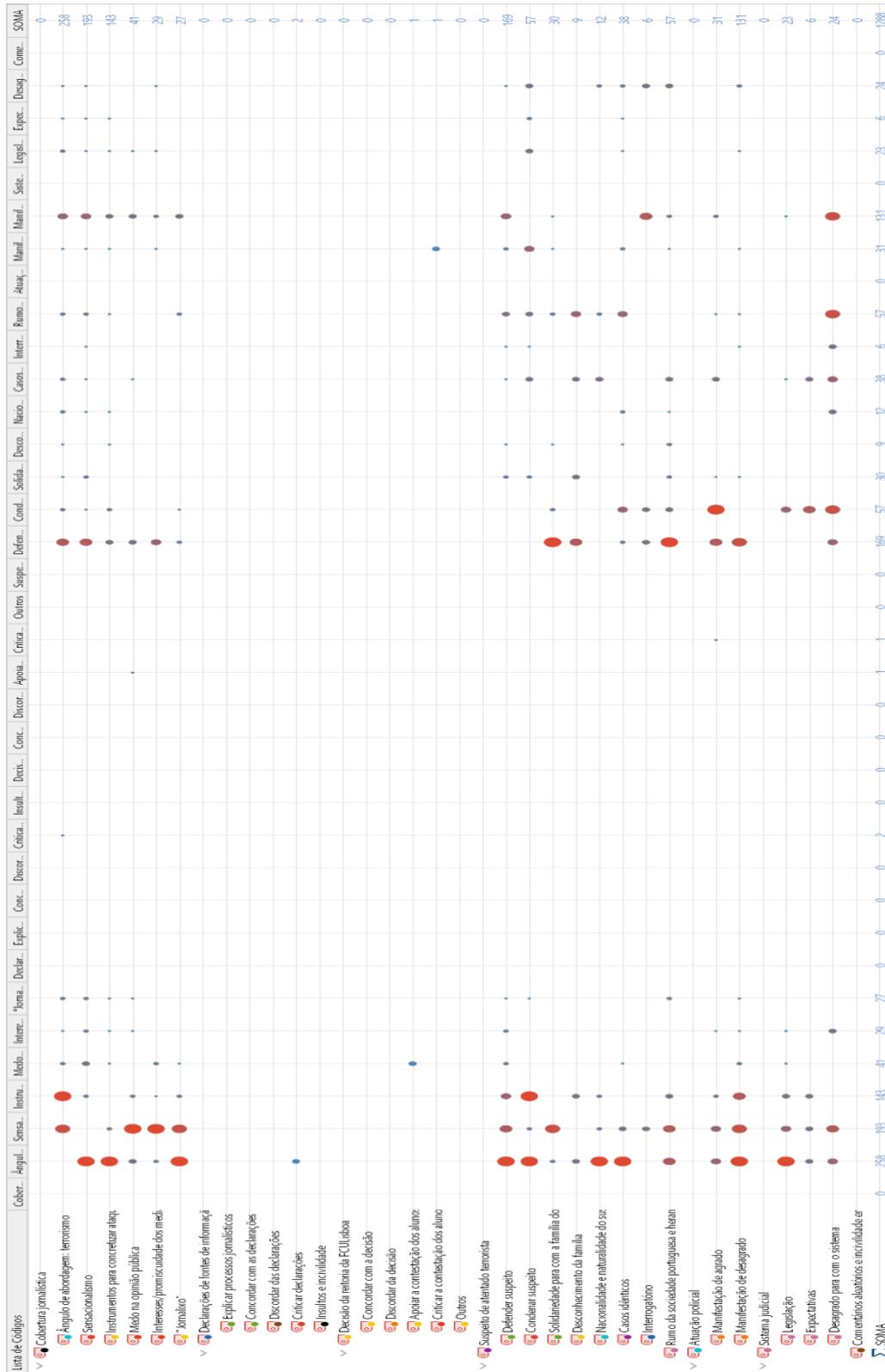
- Cohen, K., Johansson, F., Kaati, L., & Mork, J. C. (2014). Detecting linguistic markers for radical violence in social media. *Terrorism and Political Violence*, 26(1), 246–256. <https://doi.org/10.1080/09546553.2014.849948>
- Costa, B. F. (2024). Return to censorship: Portuguese perceptions of digital disinformation regulation. In T. Filibeli & M. Özbek (Eds.), *Mapping lies in the global media sphere* (pp. 148-164). Routledge. <http://dx.doi.org/10.4324/9781003403203-13>
- Costa, B. F., & Mateus, B. C. (no prelo). Innovating in journalism with newsgames: An exploratory study in Portugal. In L. Bojić, S. Žikić, J. Matthes, & D. Trilling (Eds.), *Navigating the Digital Age: An In-Depth Exploration into the Intersection of Modern Technologies and Societal Transformation*. Institute for Philosophy and Social Theory.
- Costa, B. F. (2021). *Liberdade de expressão e discurso de ódio: Consequências para o campo jornalístico*. Media XXI.
- DiMaggio, P., Hargittai, E., Neuman, W. R., & Robinson, J. P. (2001). Social implications of the Internet. *Annual Review of Sociology*, 27(1), 307–336. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.27.1.307>
- Domingo, D. (2008). Interactivity in the daily routines of online newsrooms: Dealing with an uncomfortable myth. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13(3), 680-704. <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2008.00415.x>
- Du, Y. R., & Li, L. (2017). When press freedom meets national interest: How terrorist attacks are framed in the news in China and the US. *Global Media and China*, 2(3-4), 284-302. <https://doi.org/10.1177/2059436418755761>
- Dunlap, D. W. (2023). Grief and Remembrance, Day After Day. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2023/09/02/pageoneplus/grief-and-remembrance-day-after-day.html> (consultado no dia 8 janeiro de 2024).
- Elo, S., & Kyngäs, H. (2008) The qualitative content analysis process. *Journal of advanced nursing*, 62(1), 107–115. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2007.04569.x>
- ERC. (2014). *Públicos e consumos de média: O consumo de notícias e as plataformas digitais em Portugal e em mais dez países*. Entidade Reguladora para a Comunicação Social. <https://www.erc.pt/download/YToyOntzOjg6ImZpY2hlaXJvIjtzOjM4OiJtZWVpYS9lc3R1ZG9zL29iamVjZG9fb2ZmbGluZS82OS4xLnBkZiI7czo2OiJ0aXR1bG8iO3M6MzU6ImVzdHVkby1wdWJsaWNvcy1lLWNvbnN1bW9zLWRLW1lZGlhIjt9/estudo-publicos-e-consumos-de-media> (consultado no dia 8 janeiro de 2022).
- Etta, G., Sangiorgio, E., Di Marco, N., Avalle, M., Scala, A., Cinelli, M., & Quattrocioch, W. (2023). Characterizing engagement dynamics across topics on Facebook. *PLoS ONE*, 18(6), 1-12. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0286150>
- Figueiras, R. (2005). Os comentadores na imprensa de referência portuguesa: 1980-1999. In Anais Intercom - XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 5 a 9 de setembro de 2005, Rio de Janeiro, 1-15. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1239-1.pdf>

- Ferrara, E. (2012). A large-scale community structure analysis in Facebook. *EPJ Data Science*, 1(9), 1-30. <https://doi.org/10.1140/epjds9>
- Gosse, C. (2021). "Not the Real World": Exploring Experiences of Online Abuse, Digital Dualism, and Ontological Labor. In J. Bailey, A. Flynn & N. Henry (Ed.), *The Emerald International Handbook of Technology-Facilitated Violence and Abuse* (pp. 47-64). Emerald Publishing Limited.
- Hermida, A., Domingo, D., Heinonen, A. A., Paulussen, S., Quandt, T., Reich, Z., ... Vujnovic, M. (2011). The active recipient: Participatory journalism through the lens of the Dewey-Lippmann debate. *International Symposium on Online Journalism 2011*, University of Texas, Austin, 1-21.
- Holloway, D. (2008). *9/11 and the War on Terror*. Edinburgh University Press.
- Jenkins, H. (2006). *Convergence culture: Where old and new media collide*. New York University Press.
- Jenkins, H., & Carpentier, N. (2013). Theorizing participatory intensities: A conversation about participation and politics. *Convergence*, 19(3), 265-286. <https://doi.org/10.1177/1354856513482090>
- Jordán, J. (2011). Anders Behring Breivik: Algunas consideraciones sobre la figura del "lobo solitario" terrorista. *Grupo de Estudios en Seguridad Internacional*, 7, 1-4. <http://www.seguridadinternacional.es/?q=es/content/anders-behring-breivik-algunas-consideraciones-sobre-la-figura-del-%E2%80%98lobo-solitario%E2%80%99>
- Jurgenson, N. (2011a, 24 de fevereiro). Digital dualism versus augmented reality. *The Society Pages*. <https://thesocietypages.org/cyborgology/2011/02/24/digital-dualism-versus-augmented-reality/> (consultado no dia 13 janeiro de 2022).
- Jurgenson, N. (2011b, 13 de setembro). Digital dualism and the fallacy of web objectivity. *The Society Pages*. <https://thesocietypages.org/cyborgology/2011/09/13/digital-dualism-and-the-fallacy-of-web-objectivity/> (consultado no dia 13 janeiro de 2022).
- Kearns, E., Betus, A., & Lemieux, A. (2019). Why do some terrorist attacks receive more media attention than others? *Justice Quarterly*, 36(6), 985-1022. <https://doi.org/10.1080/07418825.2018.1524507>
- Lagerkvist, A. (2019). Digital existence: An introduction. In A. Lagerkvist (Ed.), *Digital existence: Ontology, ethics, and transcendence in digital culture* (pp. 1-26). Routledge.
- Lévy, P. (1997). *Cibercultura* (J. Ferreira, Trad.). Instituto Piaget.
- Mayring, P. (2000). Qualitative content analysis. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, 1(2). <https://doi.org/10.17169/fqs-1.2.1089>
- Médís. (2018, 9 de abril). Síndrome de asperger: Os primeiros sinais de alerta. *Médís*. <https://www.medis.pt/mais-medis/saude-e-medicina/si-ndrome-de-asperger-os-primeiros-sinais-de-alerta/> (consultado no dia 8 janeiro de 2022).
- Milioni, D. L., Vadratsikas, K., & Papa, V. (2012). "Their two cents worth": Exploring user agency in readers' comments in online news media. *Observatorio (OBS*)*, 6(3), 21-47. <https://doi.org/10.15847/obsOBS632012591>

- Mythen, G., & Walklate, S. (2006). Communicating the terrorist risk: Harnessing a culture of fear? *Crime, Media, Culture: An International Journal*, 2(2), 123–142. <https://doi.org/10.1177/1741659006065399>
- Nacos, B. L., Bloch-Elkon, Y., & Shapiro, R. Y. (2007). Post-9/11 terrorism threats, news coverage, and public perceptions in the United States. *International Journal of Conflict and Violence*, 1(2), 105–126. <https://doi.org/10.4119/ijcv-2748>
- Nayak, M. (2006). Orientalism and “saving” US state identity after 9/11. *International Feminist Journal of Politics*, 8(1), 42–61. <https://doi.org/10.1080/14616740500415458>
- Neumann, P. (2009). *Old & new terrorism. Late modernity, globalization and the transformation of political violence*. Polity Press.
- Nie, N. H. (2001). Sociability, Interpersonal Relations, and the Internet: Reconciling Conflicting Findings. *American Behavioral Scientist*, 45(3), 420-435. <https://doi.org/10.1177/00027640121957277>
- Quattrociocchi, W., Scala, A., & Sunstein, C. R. (2016). Echo chambers on Facebook. <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2795110>
- Reader, B. (2012). Free press vs. free speech? The rhetoric of “civility” in regard to anonymous online comments. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, 89(3), 495-513. <https://doi.org/10.1177/1077699012447923>
- Recuero, R. (2009). *Redes sociais na Internet*. Editora Sulina.
- Recuero, R., Zago, G., & Soares, F. B. (2018). Mídia social e filtros-bolha nas conversações políticas no Twitter. In J. Fialho, J. Saragoça, M. S. Baltazar & M. O. Santos (Eds.), *Redes sociais: Para uma compreensão multidisciplinar da sociedade* (pp. 120-142). Edições Sílabo.
- Reuters Institute. (2020). *Digital news report 2020*. University of Oxford. https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR_2020_FINAL.pdf (consultado no dia 8 janeiro de 2024).
- Said, E. W. (2003). *Orientalism*. Penguin Books.
- Santos, R. (1998). *Os novos media e o espaço público*. Gradiva.
- Schuler, D. (2010). Community networks and the evolution of civic intelligence. *AI & Soc*, 25, 291-307. <https://doi.org/10.1007/s00146-009-0260-z>
- Schmidt, A. L., Zollo, F., Scala, A., & Quattrociocchi, W. (2018). Polarization Rank: A Study on European News Consumption on Facebook. <https://doi.org/10.48550/arXiv.1805.08030>
- Schwarz, J. A., & Larsson, S. (2018). A Platform Society. In S. Larsson & J. Schwarz (Eds.), *Developing Platform Economies: A European Policy Landscape* (pp. 114-140). European Liberal Forum.
- SIC Notícias. (2022, 10 de fevereiro). PJ impede ataque na Universidade de Lisboa. *SIC Notícias*. <https://sicnoticias.pt/pais/2022-02-10-pj-impede-ataque-na-universidade-de-lisboa> (consultado no dia 8 janeiro de 2022).

- Skovsgaard, M., & Andersen, K. (2020). Conceptualizing News Avoidance: Towards a Shared Understanding of Different Causes and Potential Solutions. *Journalism Studies*, 21(4), 459–476. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2019.1686410>
- Slovic, P. (2002). Terrorism as hazard: A new species of trouble. *Risk Analysis*, 22(3), 425–426. <https://doi.org/10.1111/0272-4332.00053>
- Toffler, A. (1981). *The third wave*. Bantam Books.
- Topinka, R. J. (2018). Politically incorrect participatory media: Racist nationalism on r/ImGoingToHellForThis. *New Media & Society*, 20(5), 2050–2069. <https://doi.org/10.1177/1461444817712516>
- van Buuren, J., & de Graaf, B. (2014). Hatred of the system: Menacing loners and autonomous cells in the Netherlands. *Terrorism and Political Violence*, 26(1), 156–184. <https://doi.org/10.1080/09546553.2014.849932>
- van Dijck, J. (2020). Governing digital societies: Private platforms, public values. *Computer Law & Security Review*, 36, 1-4. <https://doi.org/10.1016/j.clsr.2019.105377>
- Waytz, A., & Gray, K. (2018). Does online technology make us more or less sociable? A preliminary review and call for research. *Perspectives on Psychological Science*, 13(4), 473–491. <https://doi.org/10.1177/1745691617746509>
- Wellman, B. (2004). The Three Ages of Internet Studies: Ten, Five and Zero Years Ago. *New Media & Society*, 6(1), 123–129. <https://doi.org/10.1177/1461444804040633>
- Wright, S., Jackson, D., & Graham, T. (2020). When journalists go “below the line”: Comment spaces at The Guardian (2006-2017). *Journalism Studies*, 21(1), 107-126. <https://doi.org/10.1080/1461670X.2019.1632733>
- Zhang, J., Calabrese, C., Ding, J., Liu, M., & Zhang, B. (2018). Advantages and challenges in using mobile apps for field experiments: A systematic review and a case study. *Mobile Media & Communication*, 6(2), 179–196. <https://doi.org/10.1177/2050157917725550>

Anexo: Matriz hierárquica de conexões entre de códigos



Fonte: Elaboração própria em MAXQDA